

O ASSOCIATIVISMO FLORESTAL : SEU CONTRIBUTO PARA O FOMENTO, A GESTÃO E A DEFESA DOS RECURSOS FLORESTAIS. A EXPERIÊNCIA DA FORESTIS- ASSOCIAÇÃO FLORESTAL DO NORTE E CENTRO DE PORTUGAL

Carolina Dominguez

Forestis-Associação Florestal Norte E Centro de Portugal, Rua do Campo Alegre 823
(IBMC), 4150 Porto, Tel : 351-2-600 61 29, Fax : 351-2-609 01 56,

E-Mail : forestis@mail.telepac.pt

RESUMO

A importância do sector florestal em Portugal é um facto indiscutível, nomeadamente no Norte (e Centro) do País. No entanto, essa região, ao contrário do que se verifica no resto do País possui uma estrutura florestal de minifúndio que torna difícil ou quase impossível um bom aproveitamento dos recursos florestais.

O associativismo dos proprietários ao nível local e regional é uma das soluções possíveis para resolver este problema. O movimento FORESTIS, com a sua estrutura regional, sub-regional e local aparece assim com os objectivos de fomentar uma melhor gestão e defesa dos recursos florestais. Em 5 anos foram criadas 13 Associações sub-regionais, englobando mais de 1200 associados, fornecendo serviços que vão desde a informação até à própria gestão dos recursos dos seus sócios, extensão florestal, acções que nenhuma outra entidade faz. Um balanço provisório do trabalho desenvolvido mostra que este modelo associativo nascente, constitui uma boa solução ao desafio de um melhor aproveitamento dos recursos de forma a garantir a sua sustentabilidade e permitir a participação activa dos principais interessados.

SUMMARY

The importance of the forest sector in Portugal is an undeniable fact, specially in the Northern (and Center) of the country. Nevertheless, unlike the rest of the country, this region has a forest structure of minifundium which turns difficult or almost impossible a better exploitation of forest resources. The landowner associativism at a local and regional level, is one of the possible solutions to solve this problem.

The FORESTIS movement, with its regional, sub-regional and local structure, appears with the purpose of promoting a better management and protection of the forest resources. In five years of existence, 12 sub-regional associations were created, representing more than 1200 forest landowners, providing several kind of services, like forest management, forest extension, action that no other entity supplies. A provisional balance of the work developed so far shows that this kind of associative model constitutes an excellent solution for the challenge of improving the forest resources, assuring their sustainability and allowing the active participation of the forest landowners.

Palavras chave : associativismo, floresta, Portugal, minifúndio

Keywords : associativism, forest, Portugal, minifundium

IMPORTÂNCIA DO SECTOR FLORESTAL NO NORTE DE PORTUGAL

É hoje em dia uma banalidade dizer quão importante é o sector florestal para a economia portuguesa : mais de 3,3 milhões de hectares de superfície florestada (INE, 1995; DGF, 1997); mais de 240 000 explorações com matas e floresta (INE, 1993); mais de 14 500 empresas ligadas à indústria florestal, as quais empregam cerca de 110 000 pessoas (INE, 1994); cerca de 12 % do valor das exportações totais do país (INE, 1994) situando-se assim em segundo lugar à frente dos têxteis e do vestuário; uma contribuição de 3,4 % na formação do Produto Interno Bruto. Se juntarmos a estes números os serviços que a floresta presta à comunidade, nomeadamente os que dizem respeito às funções que ela cumpre em termos ambientais, de protecção das espécies, de espaço, de lazer, etc..., então o seu valor económico e social torna-se incomensurável.

A região Norte contribui de uma maneira significativa para a fileira florestal, representando cerca de 20 % da superfície florestal de Portugal, 41 % das explorações totais, 52,3 % das indústrias e 51 % da mão de obra respectiva. Os recursos florestais concentram-se em duas espécies principais: o pinheiro bravo com 259 300 ha e o eucalipto com 151 500 ha em 1995.

Apesar desta significativa importância, a floresta nesta região debate-se com graves problemas que põem em perigo não só o seu desenvolvimento mas também o papel crucial que ela tem vindo a desempenhar no crescimento económico. O mais evidente e desesperante, é o fogo que a ataca e que, progressivamente, a consome. Os últimos incêndios traduziram-se em milhares de m³ de madeira perdida, na destruição de jovens e prometedores povoamentos florestais (só na região de Entre Douro e Minho arderam em 1995 cerca de 10 000 ha de área florestal), no desaparecimento da fauna e dos meios da sua alimentação e sobrevivência, na destruição da caça e da pesca, no incremento da erosão dos solos, nos prejuízos nas linhas de água pelas cinzas e outros sedimentos, na poluição atmosférica e na perda de vidas humanas insubstituíveis.

Se este problema tem várias causas, a principal é a estrutura da propriedade.

Na verdade, e contrariamente ao que ocorre noutras regiões no país, a propriedade florestal da região Norte (e Centro) é de pequena dimensão e muito dividida. Em 1995, 55,4 % do total da área florestal total da região, pertencia a privados (sendo o resto quase completamente das comunidades) (INE, 1995). Destes uma grande maioria são pequenos agricultores com parcelas de entre 1 a 5 ha de terrenos agrícolas, em média, e 2 ha de terrenos florestais (divididos em várias parcelas). Muitas vezes estes proprietários são pluriactivos ou já de uma certa idade. Os outros são proprietários de maiores áreas, residem na cidade e deixam a gestão das suas propriedades nas mãos de um feitor ou simplesmente abandonadas. Outros optam por arrendar os seus terrenos a empresas privadas (especialmente para o eucalipto).

A esta estrutura de propriedade do tipo minifundiário, acresce a ruptura que se tem vindo a verificar entre a agricultura e a floresta, deixando de existir a complementaridade entre essas duas actividades. Na maioria dos casos, a floresta é vista como um "pé de meia" que permitirá, se entretanto não arder, fazer face a despesas extraordinárias e não como uma actividade produtiva que pede investimentos e pode, se bem gerida, dar lucros substanciais e regulares. Por fim, a floresta carece dos incentivos e dos apoios necessários e adequados ao seu desenvolvimento a curto, médio e longo prazo, assim como de uma política de ordenamento florestal rigorosa e eficaz.

Em conclusão, é possível constatar que factores como as mudanças económicas e sociais, a falta de incentivos, a fraca dimensão da propriedade e a sua dispersão, não têm permitido conseguir uma dimensão económica susceptível de considerar a floresta

como um recurso em que vale a pena investir, dificultando a sua gestão, o seu ordenamento e o aproveitamento adequado das suas potencialidades.

O MOVIMENTO FORESTIS : O ASSOCIATIVISMO FLORESTAL NA REGIÃO NORTE E CENTRO

Face a esta situação, urge perguntar : valerá a pena preocuparmo-nos com a floresta? Quais são os passos a dar para que estas tendências se invertam? Quais são as soluções a um problema tão complexo ? Se teoricamente existem várias possibilidades tais como :

- a reforma das estruturas através do emparcelamento que tem custos muito elevados
- a penalização dos produtores através de um sistema de impostos que acarreta também custos políticos elevados.
- o arrendamento a empresas privadas ou públicas que já está em prática, não é sempre o mais favorável para os proprietários.

Foi na organização dos produtores, com vista à criação de agrupamentos com dimensão física e económica que garanta a viabilidade da exploração florestal, e na constituição de grupos que possam fazer pressão junto do governo, para que as políticas desenvolvidas sejam adequadas à realidade desta região, que a FORESTIS baseou toda sua filosofia de actuação.

É porque a FORESTIS acreditava e acredita que ao trabalharem em conjunto, os proprietários florestais darão conta de como é mais fácil evitar os incêndios, melhorar a qualidade dos produtos e obter maiores rendimentos das matas, que a FORESTIS se criou. E isto porque, se é verdade que o minifúndio florestal está fortemente pulverizado, ele representa, como espaço físico, uma grande mancha territorial. Ora se não é possível pensar que ele seja gerido isoladamente e como a realização de operações de emparcelamento são muito demoradas e dispendiosas, é necessário levar os proprietários a aceitar a aglutinação das suas propriedades para efeitos de gestão conjunta (limpezas, arborizações, desbastes, compartimentação, cortes, etc...) sem que o direito de propriedade seja alienado. Valerá a pena limpar as áreas ardidadas ou rearborezizar se o vizinho, ausente ou displacente, nada faz nesse sentido? Valerá a pena contratar máquinas e serviços para áreas muito pequenas quando a produção florestal em áreas de relativa dimensão permite cobrir as despesas de gestão e obter lucros razoáveis?

Foi com a preocupação de encontrar soluções ajustadas à natureza dos problemas dos proprietários florestais que foi criada, em 1992, a FORESTIS - Associação Florestal do Norte e Centro de Portugal. Nesse sentido, o principal fundamento da sua acção é o apoio à dinâmica de criação de Associações Florestais Sub-Regionais (inter-municipais), com o objectivo de fomentar associações de gestão e defesa florestal, de tal maneira que os proprietários possam tirar o máximo proveito das potencialidades dos seus terrenos e também para que eles sintam próximos de si os agentes que irão intervir na gestão das suas propriedades. Essas associações sub-regionais, desenvolvem as tarefas fundamentais de extensão junto dos seus sócios e promovem o fomento e a criação de agrupamentos locais (Ver Quadro nº1 : Estrutura do Movimento FORESTIS). Todavia, criar Associações Sub-Regionais e Agrupamentos Locais não chega. É preciso que eles disponham de suportes técnicos e, em primeiro lugar, de cartografia adequada. Para isso a FORESTIS pretende colmatar uma deficiência grave: a inexistência duma carta de aptidão florestal. Nesse sentido, outro dos seus principais objectivos e uma das suas principais tarefas é a de elaborar esta

carta, com base nas características fisiográficas do terreno (altimetria, declives e exposições), solos e clima, etc...Esta carta, se aceite pelos poderes públicos como futuro instrumento de ordenamento florestal, permitirá aos técnicos e aos proprietários escolherem correctamente as espécies, tirando o maior partido do potencial ecológico e económico dos solos. Por outro lado, a FORESTIS fornece a cada Associação um conjunto de suportes técnicos modernos (GPS e cartografia digitalizada) para levar a cabo os diversos projectos florestais.

A FORESTIS também tem como objectivo promover a formação dos seus associados para criar junto deles uma mentalidade de empresários, facultando-lhes os conhecimentos técnicos necessários a uma boa gestão da floresta e a compreensão dos mecanismos do mercado e da actuação dos agentes a montante e a jusante da produção. Promove ainda a formação dos técnicos florestais para que estes se tornem mais eficientes no seu trabalho de extensão florestal.

Se os aspectos técnicos e a formação são eixos importantes da acção da FORESTIS, as questões económicas merecem também uma atenção particular. Para valorizar a produção e defender os interesses económicos dos produtores, a FORESTIS apoia as Associações Sub-Regionais na avaliação do material lenhoso, na sua marcação e na sua venda, em tempo oportuno e em quantidades que interessem aos industriais mais bem apetrechados. Assim, por exemplo, quando o volume mínimo de material lenhoso para venda for conseguido, será possível e desejável organizar "praças" para a venda da madeira.

Por fim, uma das grandes tarefas da FORESTIS, com o apoio das Associações Sub-Regionais, é a de elaborar propostas de medidas políticas mais adequadas às condições de produção do Norte e Centro de Portugal, fazendo assim chegar a voz do sector produtivo florestal, que não dispõe actualmente de uma organização verdadeiramente representativa, quer junto dos poderes públicos, quer no diálogo com os seus parceiros da fileira florestal.

O que é que a FORESTIS já conseguiu fazer?

Apesar da sua curta existência e das dificuldades de arranque, a FORESTIS tem demonstrado capacidade de actuar no foro florestal. Assim, participou na rede europeia do programa Compostela Floresta, desenvolvendo várias actividades de formação, visitas de estudo, além de gerir e acompanhar projectos de investigação levados a cabo por diversas instituições universitárias e entidades públicas. Desta participação resultaram colaborações e trocas de experiências frutuosas com Associações Florestais da Galiza e da Aquitânia (França), entre outras.

Até a data a FORESTIS já apoiou a criação de 12 Associações Florestais Sub-Regionais (Ver Quadro nº2 e Mapa nº1) e transformou-se numa Federação, parceira privilegiada do Ministério de Agricultura. Apesar das dificuldades, inerentes a todo projecto associativo, este movimento já conta com mais de 1200 associados interessados na gestão e na defesa dos seus terrenos florestais, com projectos de (re)florestação e de limpeza. A este respeito, importa referir o exemplo pioneiro da Associação do Vale de Sousa que conseguiu, desde Junho de 1994 até Dezembro de 1995, a adesão de cerca de 250 associados com uma área florestal inscrita de mais de 4 600 ha e a criação de 17 agrupamentos de proprietários florestais. Actualmente a FORESTIS presta a estas Associações serviços de apoio na área administrativa e técnica, com a perspectiva de responder sempre melhor às suas necessidades.

Por outro lado, a FORESTIS já avançou muito no trabalho de elaboração da carta de aptidão do espaço florestal para o Norte do País. Para que esta carta seja de facto um instrumento de trabalho útil, privilegia-se a intervenção activa dos seus utilizadores na sua realização, organizando reuniões com o objectivo de avaliar as

necessidades e desejos dos técnicos florestais, bem como o de aproveitar a sua experiência e conhecimentos particulares dos locais em estudo. Ao nível do tratamento das informações e da sua agregação a FORESTIS conta com a colaboração estreita da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Além destas "grandes" tarefas, a FORESTIS promove ainda a divulgação das suas acções, organiza e faz circular a informação, promove o debate e fomenta a crítica através do seu boletim trimestral, peça central do movimento associativo. Este boletim, que dá conta das actividades da FORESTIS e das Associações Sub-Regionais propõe um conjunto de informações técnicas, económicas e legislativas, e pretende ser um meio privilegiado para fazer chegar junto dos poderes públicos e privados o conhecimento das diferentes realidades locais e as propostas de medidas de política florestal favoráveis ao desenvolvimento desta actividade. Colóquios, Seminários e Jornadas são também meios para promover o debate. Por exemplo, a Jornada sobre o Associativismo florestal realizada no passado dia 5 de Dezembro de 1997, que reuniu o sector produtivo e os actores públicos e privados mais representativos da fileira, assim como o Colóquio sobre "Desafios para a floresta do século XXI", que se realizou na Fundação de Serralves, abriram interessantes pistas de reflexão e de actuação.

É muito ainda o trabalho que espera a FORESTIS. Com uma Direcção muito dinâmica e uma equipa técnica jovem, entusiasta e eficiente, está em carteira uma parceria através de vários protocolos de cooperação com o Ministério de Agricultura e Desenvolvimento Rural, a participação activa como sócio fundador do futuro centro Pinus, a criação de novas Associações Sub-Regionais, programas de formação para os proprietários florestais membros das Associações já criadas, a continuação do trabalho de elaboração da carta de aptidão do espaço florestal, a organização de reuniões de sensibilização, de visitas de estudo, a elaboração de desdobráveis de informação técnica e legislativa, etc...

Para isto e muito mais, reconhecendo a importância da sua acção, a FORESTIS conta primeiro com o apoio dos seus associados, e especificamente as Associações Sub-Regionais mas também com a contribuição do Programa Operacional da Região Norte, da Direcção Geral das Florestas, da Comissão Nacional Especializada contra os Fogos Florestais, do IFADAP, da SONAE, da Emporsil, da Portucel Viana, entre outros.

O CASO DA ASSOCIAÇÃO DE PRODUTORES FLORESTAIS DO VALE DO MINHO

A Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho criou-se em Maio de 1996. A sua área de actuação cobre os concelhos de Melgaço, Monção, Paredes de Coura, Valença, Vila Nova de Cerveira e Caminha, ou seja o Vale do rio Minho, com cerca de 35 000 ha de floresta, dos quais 32 % pertencem a milhares de proprietários privados e o restante a baldios. À semelhança das outras Associações, optou-se por uma Associação inter-concelhia por haver continuidade das manchas florestais que ultrapassam a barreira do concelho, pela dificuldade de uma área mais restrita, numa fase inicial, para suportar um técnico florestal, a possibilidade de, com o crescimento da associação se irem criando vários pólos eventualmente concelhios, com uma maior coordenação entre eles...

No fim de maio começou a trabalhar a Eng^a Margarida Barbosa como técnica florestal da Associação, com o apoio central, a nível técnico, da FORESTIS.

Depois de um trabalho árduo e persistente junto das juntas de freguesia, dos presidentes de câmara e da população em geral, em pouco mais de um ano de trabalho desenvolvido, a Associação já conseguiu mais de 70 associados correspondendo a uma

área total agrupada de 4070 hectares. Os sócios são tanto entidades públicas ou privadas (Câmaras Municipais, Juntas de Freguesia, Conselhos Directivos de Baldios) como pessoas particulares (66 %).

As actividades até hoje desenvolvidas pela Associação são :

- reuniões de esclarecimento para dar a conhecer à população em geral e proprietários em particular os serviços que a Associação presta aos seus associados;
- apoio técnico florestal gratuito aos associados em várias vertentes como aconselhamento sobre arborizações e condução de povoamentos, avaliação de material lenhoso, avaliação de áreas, informações sobre oferta de serviços, acompanhamento das operações no terreno;
- elaboração de Projectos de Investimento no âmbito dos programas de desenvolvimento florestal e comunitários, assegurando também o acompanhamento. Estabeleceram-se alguns protocolos com empresas a fim de as mesmas procederem à elaboração de algumas candidaturas, ficando sempre a associação responsável pelo acompanhamento dos mesmos aquando da sua execução (até a data foram elaborados e acompanhados 23 projectos, intervindo numa área de perto de 680 ha);
- representação dos associados, em conjunto com outras associações, participando na elaboração de algumas propostas de alteração de portarias ligadas ao sector florestal. A Associação participa activamente nas reuniões das delegações concelhias da comissão nacional contra os fogos florestais do Vale do Minho, como representantes dos produtores;
- educação ambiental junto das escolas primárias nas comemorações do dia Mundial da Floresta e no projecto “A Floresta na Escola” promovido pela FORESTIS a nível regional;
- em colaboração com a FORESTIS, participou numa acção de formação de “Associativismo, gestão e defesa florestal” para proprietários florestais do Vale do Minho, e na definição de prioridades de formação para proprietários para essa zona.
- participação em feiras regionais permitindo um contacto directo com os proprietários.

As câmaras do Vale do Minho, entendendo a importância do trabalho da Associação e a sua projecção socio-económica, no sentido de aumentar a eficácia da sua actuação na protecção contra os incêndios, solicitou à Associação a elaboração de uma candidatura conjunta inter-municipal para a protecção contra os incêndios. Esta candidatura envolverá o levantamento das infraestruturas de defesa e combate aos incêndios, assim como um plano de prevenção. Esta parceria entre a Associação e os municípios demonstra a capacidade de mobilização e de intervenção deste tipo de Associação bem como a importância do associativismo para o futuro da floresta do minifúndio.

“Constituindo o espaço florestal um bem nacional que a todos nos interessa, cumpre defendê-lo e desenvolvê-lo, quer estejamos ou não directamente interessados nos seus aspectos económicos de produção de bens e serviços, mas noutros mais subjectivos como sejam a diversidade da fauna e da flora, a paisagem, a água e o ar, os ventos, a diminuição dos processos erosivos, eólicos ou pluviais”. Por isso o trabalho da FORESTIS interessa não só aos que dependem economicamente da floresta mas também a todos aqueles que estão preocupados com

um desenvolvimento durável e sustentado das sociedades humanas e é uma gritante chamada de atenção à Administração Pública e Poderes Políticos para a necessidade urgente de apoio continuado que permita perspectivar, sem sobressaltos, uma importante tarefa que, visando a defesa dos interesses dos proprietários, contribui numa forma clara para o aumento da riqueza do País.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS :

CESE (1997) O sector florestal português, Doc. Provisório. (relator Mendes A.)
 Dominguez C.(1996) FORESTIS-Associação Florestal Norte e Centro de Portugal, em defesa da floresta, in Revista Florestal, Vol. IX, nº3 Julho-Setembro, pp: 87-90

Mendes, A. (1997) The structure and role of the forest sector in the Northern portuguese economy, in Mid-term Meeting, University of Bergen, European Forest Institute, 28 p.

Quadro nº1 : Modelo associativo do movimento FORESTIS

Níveis de actuação	Instituição	Funções desempenhadas
Internacional/Nacional/ Regional	FORESTIS-AFNCP	<ul style="list-style-type: none"> - Informação - Fomento e consolidação do associativismo - Formação florestal - Implementação de um sistema de Informação Geográfica Florestal - Elaboração de um cadastro de associados - Extensão florestal - Representação e Defesa dos sócios junto dos poderes públicos e privados - Contribuição para a elaboração de Planos Regionais de Ordenamento Florestal
Inter-Municipal	Associações Florestais Sub-Regionais	<ul style="list-style-type: none"> - Informação - Fomento e consolidação de Agrupamentos - Extensão - Apoio técnico - Avaliação de material lenhoso - Elaboração e acompanhamento de projectos de investimento florestal
Local	Agrupamentos de Produtores	<ul style="list-style-type: none"> - Fomento do associativismo local - Gestão da área agrupada

Quadro nº 2 : Associações Florestais Sub-Regionais até 30 de Dezembro de 1997

	Escritur a Notaria I	Sede	Presidente	Equipa Técnica	Nº de Associados
Ass. Florestal do Vale do Sousa	30 Mar 94 Paredes	Rua Infante D. Henrique,94 4580 PAREDES Tel./Fax. (055) 78 39 79	Dr. Américo Mendes	Engª Amália Neto	376
CELFOR	1 Jun 94 Celorico da Beira	Rua Andrade Corvo, Ed. Câmara Municipal 6360 CELORICO BEIRA Tel./Fax. (071) 74 13 07	Engº António Marques Caetano	Engª Marisa Martins	115
Ass. Florestal do Lima	14 Out 94 Ponte de Lima	Antigos Paços do Concelho Praça da República 4990 PONTE de LIMA TM. (0931) 62 50 99 Fax. (058) 74 14 18	Snr. Viana da Rocha	Engª Sónia Marques	102
Ass. Florestal de Basto	12 Dez 94 Celorico de Basto	Av. Capº. Elisio de Azevedo, Lt14, 2º D 4860 ARCO de BAÛLHE TM. (0936) 84 41 63 Tel./Fax. (053) 66 53 09	Arqº Ilídio de Araújo	Engº Luis Gonçalves	160
Ass. Florestal do Cávado	15 Jan 96 Barcelos	Campo das Carvalhas, nº 1 4700 BRAGA TM. (0931) 76 47 45 Tel./Fax. (053) 21 87 13	Dr. José Braga da Cruz	Engª Arminda Coutinho	50
Ass. De Prod. Florestais do V. do Minho do Minho	14 Mai 96 Valença	Largo dos Padrões, Bloco 4, 4950 MONÇÃO TM. (0936) 77 39 90 Tel./ Fax.(051) 65 40 96	Snr Manuel Guardão	Engª Margarida Barbosa	75
Ass. Florestal de Entre Douro e Tâmega	13 Set 96 Porto-8	Estrada Larga - Túias 4630 MARCO CANAVEZES Tel. /Fax (055) 52 35 56	Dr. Amadeu Carlos Marramaque	Engª António Neto	54
Ass. Fl. Do Vale do Douro - Norte	4 Jun 97 Vila Pouca de Aguiar	Ed. Junta Freguesia Parada do Pinhão 5060 SABROSA Tel./Fax. (059) 73 934	Snr Coronel António M. Aires	Engº João Teixeira	70
PORTUCALEA Ass. Florestal do Grande Porto	20 Jun 97 Vila do Conde	Rua do Campo Alegre, 823 (IBMC) 4150 PORTO Tel. (02) 600 61 29 Fax. (02) 609 01 56	Engº José Barros Sousa e Maia	Engª Teresa Neves	70
Associação Florestal da Terra Fria Transmontana	25 de Set. 1997 Bragança	(prov.) Ed. Da Casa do Povo Latgo do Toural 5320 Vinhais Tel : (073) 71 205 Fax : (073) 71 340	Dr. Manuel Belmiro Correia		21
Associação Florestal de Entre Douro e Vouga	25 de Set. 1997 Arouca	(prov) Rua do Campo Alegre 823 4150 Porto Tel : (02) 600 61 29 Fax : (02) 609 01 56	Luis Maria Castelo Branco de Assis Teixeira	Engº JorgeCunha	12
Associação Florestal do Ave		em reestruturação		contactar a FORESTIS	

Associações Florestais Sub-Regionais (Dezembro 1997)



1. Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho
2. Associação Florestal do Lima
3. Associação Florestal do Cávado
4. Associação Florestal do Grande Porto
5. Associação Florestal do Ave
6. Associação Florestal do Vale de Sousa
7. Associação Florestal de Entre-Douro e Vouga
8. Associação Florestal de Entre-Douro e Tâmega
9. Associação Florestal de Basto
10. Associação Florestal do Vale do Douro Norte
11. Associação Florestal da Terra Fria Transmontana
12. CELFLOR